

EVANGELIZADORES ANIMADOS PELO ESPÍRITO

Chamados a ser Igreja | A missão da Igreja | Ser evangelizador

ABERTURA

Depois de termos visto que a Igreja é sacramento de salvação porque atualiza para nós, em gestos e palavras, a salvação que Jesus realizou em nosso favor; depois de termos compreendido que esta Igreja é povo de Deus que anuncia o evangelho; depois de termos tomado consciência de que todos os membros deste povo recebem de Deus o Espírito Santo que os anima com carismas para servir os outros, vamos ver que Deus nos chama a todos e a todos ilumina com o seu Espírito para evangelizar.

PERGUNTO-ME

Já escutei a voz de Deus?

Sou capaz de distinguir a voz de Deus da minha voz, da voz dos outros e da voz do mundo?

Quando rezo, pergunto a Deus o que é que ele quer de mim?

Sinto-me questionado por Deus a sair de mim e ir aonde ele me mandar?

Fazer o que Deus me pede traz-me alegria?



O chamamento de Deus faz-se ouvir no coração da Igreja e no coração de cada cristão. A Igreja, como um todo, tem que dar uma resposta ao chamamento de Deus para ser sinal de Cristo no meio do mundo. Não há nenhuma outra instituição, associação ou grupo de pessoas que possa responder ao chamamento de Deus em vez da Igreja. Tem que ser a Igreja a dar a resposta. Do mesmo modo, o chamamento que Deus faz a cada cristão não pode receber uma resposta de outro, mas do próprio. É cada um que responde em seu próprio nome. A resposta será sempre um 'sim' ou um 'não', sendo que 'sim' é aceitar tornar-se um verdadeiro evangelizador e um 'não' será querer viver só para si sem pensar nos outros.

Sente-se, por vezes, que os cristãos, mesmo aqueles que estão inseridos nas comunidades paroquiais, estão longe de entender a sua vida como uma resposta ao chamamento de Deus. Contentam-se com ter muita fé e participar nas celebrações, sobretudo as mais importantes como a eucaristia de domingo. Escutam muitas vezes aquelas palavras de Jesus *"Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho"* (Mc 16,15) mas não se sentem interpelados. Como se aquelas palavras não fossem um chamamento direto a cada um e, por isso, não só não respondem como não se tornam evangelizadores. São cristãos sem missão.

Parece que a missão evangelizadora da Igreja é apenas da responsabilidade dos pastores (padres e bispos). É um facto que estes também foram chamados e receberam de Deus a unção que os constituiu pastores, mas a evangelização pertence a todos os batizados, é missão de todos e de cada um em colaboração uns com os outros, pastores e fiéis.

Também é habitual encontrar batizados de boa vontade que gostavam de ver nas suas comunidades mais pessoas e pessoas mais empenhadas e criativas para serem um sinal mais alegre e festivo da Igreja nas suas terras. Sentem-se, porém, sem co-

nhcimentos e capacidades para levarem por diante esse desejo, concretizado no anúncio do Evangelho a todos.

Encontramos ainda um pequeno grupo, já não é tão pequeno assim, de homens e mulheres que fizeram cursos de teologia, de catequese, de preparação para os mais variados ministérios, mas não sentiram o apelo a tornarem-se evangelizadores. Exercem o ministério que lhes é pedido no estrito cumprimento ritual, mas sem o compromisso de evangelizar.

Esta atitude de passividade de todos, dos pastores que se conformam a ter que evangelizar sozinhos e dos batizados que não descobrem a sua vocação missionária, tem feito com que entendamos a Igreja a partir da comunidade que celebra sacramentos (que são muito importantes) e não como o povo que escuta a Palavra e a anuncia. Neste caminho que estamos a fazer já nos demos conta de que o nosso Deus é um Deus que fala e que a Igreja é o povo de Deus que escuta e anuncia. Ou seja, já entendemos a importância da Palavra de Deus na vida da Igreja e do cristão.

Torna-se necessário um compromisso sério com Deus e com a Igreja que é um compromisso com a Palavra de Deus e com a Missão da Igreja. Ora, a Missão da Igreja é evangelizar. O Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, dizia: “A Igreja existe para evangelizar” (14) e ainda “evangelizadora, a Igreja começa por evangelizar-se a si mesma” (15) e também “aquele que foi evangelizado, torna-se evangelizador” (24).

A primeira frase diz o que a Igreja é: A Igreja é evangelizadora e deixa de ser Igreja se deixar de evangelizar. Do mesmo modo nós, se evangelizamos somos cristãos, mas se não evangelizamos não somos cristãos.

A segunda frase diz que a Igreja precisa de escutar continuamente o Evangelho para permanecer no caminho de Jesus Cristo e continuar a ser a sua Igreja. Assim também, todos os batizados hão de escutar continuamente o Evangelho para se identificarem permanentemente com Cristo mediante uma contínua conversão à vontade de Deus.

PARA APROFUNDAMENTO

Evangelii Nuntiandi:

https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html

EVANGELII GAUDIUM

Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, descobrimos novamente que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado.

“Deus pode actuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque «trazemos este tesouro em vasos de barro» (2 Cor 4, 7)

O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária.

Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários



EVANGELII GAUDIUM

Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente.

Só pode ser missionário quem se sente bem, procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros.

EM ORDEM À MISSÃO

Já falei de Jesus a alguém? Quando foi a última vez que o fiz?

A quem gostava de anunciar Jesus?

Preocupo-me com a fé das pessoas da minha família? Já pensei em ser catequista?

Se me pedirem para orientar uma celebração dominical estou disposto a dizer sim?

Tenho preocupação pelos doentes e gostava de ser visitador dos doentes ou ministro extraordinário da comunhão?

Sinto preocupação pelos pobres e gostava de integrar o grupo que assiste os mais carenciados?

A terceira frase é o desafio de todos os cristãos, em todos os tempos e lugares. Como diz Jesus no Evangelho: “*recebestes de graça, dai de graça*” (Mt 10,8). Tendo recebido o anúncio do Evangelho através da Igreja e concretamente através de um cristão, que pode ser o pai ou a mãe, o catequista ou padre, aquele que foi evangelizado passa ele a ser também evangelizador.

Parece difícil, mas, na realidade, pode ser mais simples do que pensamos. O Papa Francisco disse em várias ocasiões: “só sabes uma frase do evangelho? Então, diz essa frase a todos”. Não é preciso ser sábio para ser evangelizador. É necessário estar apaixonado por Cristo para falar dele a todos e mostrar a todos o que ele fez por nós e como é grande o seu amor e de que forma ele mostra esse amor em cada dia e nas mais diversas circunstâncias. Isto é evangelizar.

Como se chega aqui? Escutando o Evangelho com gosto, interesse e vontade de o guardar na memória e no coração, ou seja, com motivação. O Papa Francisco diz na encíclica *Evangelii Gaudium*: “A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial” (EG 264).

De facto, só no encontro com Cristo, na experiência do seu amor, preenchidos pela graça que ele derrama em nossos corações, podemos sentir em nós o impulso para falar dele, do seu amor e da sua graça, a todos. Porque Cristo é o conteúdo da evangelização. Efetivamente, quando falamos de evangelizar queremos dizer, falar de Cristo.

Fala de Cristo quem conhece Cristo, quem conhece as suas palavras, os seus gestos, os seus sentimentos e a sua dedicação aos outros. Diz o Papa Francisco:

EVANGELII GAUDIUM

Aquele que foi evangelizado preocupa-se em evangelizar a sua família, esposo ou esposa, filhos, netos, pais, irmãos.

Depois sai e evangeliza no contexto da sua comunidade através da catequese das crianças, dos jovens e dos adultos. Pode também evangelizar através da orientação de celebrações dominicais na ausência do presbítero.

Sai mais longe e evangeliza juntos dos colegas de trabalho, vizinhos, amigos, colegas de desporto ou membros de alguma associação ou clube.

“Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam: «*Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio*» (Act 17, 23) (EG 265).

O evangelizador precisa de estar sempre em contacto com Cristo para não desanimar perante as dificuldades na missão. De facto, nem sempre nos aceitam quando falamos de Cristo. Nem sempre aceitam as nossas palavras e o nosso testemunho cristão. Nem sempre a nossa ação surte efeito naqueles a quem evangelizamos. É necessária a paciência, muita confiança e saber aguardar a ação do Espírito. O Papa Francisco diz que o evangelizador deve rezar e trabalhar. S. Paulo diz que um é o que planta, outro o que rega e outro o que colhe (cf. 1Cor 3,6-8). Nós não estamos sempre a colher os frutos do nosso trabalho. Por vezes semeamos e é outro quem colhe. Muitas vezes demoramos tempo e tempo a regar e são outros quem colhe os frutos que tanto desejámos. O importante é cumprir por inteiro a nossa missão que não é colher, é semear, evangelizar.

O Papa Francisco diz: “O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção. Temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo. É a verdade que não passa de moda, porque é capaz de penetrar onde nada mais pode chegar. A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito” (EG 265).

Para manter o entusiasmo temos que estar convencidos por uma experiência pessoal, diz o Papa: “Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem. Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-l’O ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-l’O, adorá-l’O, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão” (EG 266).

**DECISÃO**

- Vou assistir a uma sessão de catequese para me abrir à possibilidade de vir a ser catequista.
- Vou acompanhar visitado de doentes ou um ministro extraordinário da comunhão para perceber qual é o seu papel junto do doente e sentir que posso servir Cristo nos mais frágeis.
- Vou falar com um Orientador das Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero para perceber a sua missão e viver com ele a experiência de uma celebração.